

## A classe média não tão média

■ Inegavelmente, o país passa por um processo de redução das desigualdades sociais. O estudo divulgado pela FGV, em agosto, evidencia isto e mostra que as oportunidades de migração das classes mais baixas para as mais altas nunca foram tão reais. São grandes notícias para um país que há muito vem sendo comparado com o Haiti quando da abordagem de alguns indicadores sociais. A ampliação da classe média segue um fenômeno mundial.

A avaliação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, afirma que o brasileiro está vivendo melhor, com mais acesso a bens que ampliam sua qualidade de vida (geladeiras, freezers, microondas etc) e seu acesso à informação e cultura, com o recorde nas vendas de computadores.

As entidades citadas (FGV e IBGE) são competências em suas atividades e devem ser reconhecidas pelos estudos e pesquisas realizados, que contribuem em muito para o conhecimento do país e o direcionamento das políticas sociais.

O que fica difícil para o cidadão comum, que não é economista, sociólogo ou estatístico, é compreender como ser classe média nas grandes metrópoles, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife ou no Rio de Janeiro, com uma renda familiar de R\$ 1.064, que é o patamar inferior da nova classe C. O limite superior é de R\$ 4.591, que é mais razoável, já que situa-se 331,5% acima daquele limite inferior. Estatisticamente houve uma maior inserção de pessoas nessa classificação. Ainda que tenham sido consideradas referências internacionais para esses valores, o cotidiano dos brasileiros é outro.

Se olharmos atentamente para a realidade, vamos dar uma outra caracterização para a classe média e seus rendimentos.

Por exemplo, na cidade de São Paulo, o aluguel mais barato, em moradia padrão em bairro popular, gira em torno R\$ 7 por m2 mensais, de acordo com as empresas do

setor imobiliário. Se a família se concentrar em apenas 50 m2, pronto, lá se foi, praticamente 1/3 do orçamento do primeiro patamar da classe média. Isto em um limitado espaço físico. E ainda tem alimentação, transporte, educação, vestuário, serviços públicos e...prestações.

O aumento da renda dos trabalhadores, por si só, não explica os recordes de vendas de pacotes ao exterior, de vendas de computadores, de automóveis, de televisores de alta definição, de celulares etc.

De fato, além da recuperação da renda da população por conta do crescimento do país e dos benefícios sociais empreendidos pelo governo, o que tem alavancado a renda e possibilitado a aquisição de produtos de maior valor agregado pela população é o crédito, que está cumprindo sua função socioeconômica.

Viver nos grandes centros urbanos do país é muito dispendioso. Os esforços que as famílias da classe média fazem, sobretudo aquelas na faixa de renda mais baixa (RS1.064), é colossal, se virando em mais de um turno de trabalho e, ainda, pressionadas por despesas e impostos crescentes. E se forem considerados os novos hábitos de consumo, que agregam cada vez mais tecnologia e, portando, representam mais gastos, como TV digital, banda larga na Internet e celular 3G?

A classe média só está sendo média mesmo, em termos de poder de compra, de consumo, pela alavancagem do crédito, que antecipa seus rendimentos futuros, ampliando o poder aquisitivo. Esta situação exige disciplina e educação financeira para a população e avançadas tecnologias de crédito para seus concedentes. Se por um lado, o crédito amplia o padrão de vida das pessoas, por outro, é necessário o cadastro positivo, a metodologia correta para se evitar o endividamento inadequado.

No Brasil, o salário mínimo não cumpre o seu propósito de garantir uma sobrevivência. Estudos mostram que esta remuneração deveria estar em torno dos R\$ 2 mil, o que deixa a nova classe média também na



*É preciso se analisar um pouco mais esta questão, para que os trabalhadores vivam com mais dignidade. Acredito que o Brasil pode estar acima de qualquer polêmica e ter uma classe média coerente não só com as referências socioeconômicas alcançadas, mas, principalmente, pela democracia construída por todos os brasileiros."*

base de um rendimento também mínimo.

É preciso se analisar um pouco mais esta questão, para que os trabalhadores vivam com mais dignidade.

Acredito que o Brasil pode estar acima de qualquer polêmica e ter uma classe média coerente não só com as referências socioeconômicas alcançadas, mas, principalmente, pela democracia construída por todos os brasileiros.

Mais importante do que as denominações de classe de renda, é perceber que a situação econômica do brasileiro está melhorando. Muita gente saiu do nível de pobreza e de miséria, mas ainda se encontra distante da classe média. Ter a perspectiva e a realização de oportunidades é essencial para o povo e para a nação, pois gera a competitividade do país e abre um espaço fértil para o exercício da cidadania.

**Elcio Anibal de Lucca** é Presidente de Assuntos Corporativos da Experian América Latina; vice-presidente do Conselho de Administração da Serasa e presidente do MBC – Movimento Brasil Competitivo.